

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: O PERCURSO DO FUTEBOL FEMININO EM CÁCERES-MT

Viviane Teixeira Silveira¹

Kleber Tüxen Carneiro²

Marisa Soares da Silva³

Resumo: Subsidiados epistemologicamente pelos estudos sobre memória, nas duas denominações mais comumente usadas, “Memória Coletiva” (HALBWACHS, 1990) e “Memória Social” (OLICK; ROBBINS, 1998), a partir de uma abordagem qualitativa, que possibilita compreender o significado que uma dada situação tem para o sujeito ou grupos de sujeitos, e por meio do método da História Oral, entrevistamos duas ex-jogadoras de futebol da cidade e também utilizamos recortes de jornais da época e fotografias, na direção de "garimpar" as experiências e seus fragmentos, buscando nesta pesquisa recontar, registrar e assegurar a importância do futebol feminino em Cáceres-MT e a necessidade de salvaguardar sua memória.

Palavras-chave: memória; futebol feminino; cidade de Cáceres-MT.

Between Memories and Stories: The Journey Women's Football in the City of Cáceres-MT

Abstract: Subsidized epistemologically by studies of memory, the two most commonly used denominations, "Collective Memory" (HALBWACHS, 1990) and "Social Memory" (OLICK; ROBBINS, 1998), from a qualitative approach, which makes it possible to understand the meaning that a given situation is for the subject or groups of subjects, and by the method of oral history, we interview city's two former football players and also we use newspaper clippings and photographs of the time, in the direction of "digging" the experiences and fragments seeking in this research retell, register and ensure the importance of women's football in Cáceres-MT and the need to safeguard their memory.

Keywords: memory; women's football; city of Cáceres-MT.

¹Professora Doutora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Brasil. E-mail: vivianeteixeirasilveira@gmail.com.

²Professor Doutor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Brasil. E-mail: kleber2910@gmail.com.

³Licenciada em Educação Física pela Universidade do Estado do Mato Grosso, Cáceres, Brasil. E-mail: marisa.edfisica@hotmail.com.

“Se temos a consciência de que “tudo é história”, porque as mulheres ficaram excluídas da história por um longo período de tempo?”

Ecoten e Corsetti

Preâmbulo

Esta inspiradora epígrafe oferece bons indícios daquilo que nosso estudo pretende abordar. Ecoten e Corsetti (2010, s/p) a princípio enaltecem nossa produção histórica, nossa condição de seres históricos, ao mesmo tempo que interpelam a invisibilidade feminina, que esta mesma história produziu. Dito de outro modo, como é que podemos valorizar e nos apropriarmos dos saberes advindos do conhecimento histórico, se parte constituinte desses saberes estiveram a margem, e de alguma forma foram silenciados?

Tal constatação fica ainda mais evidente, quando se observa e adentra determinados conteúdos historicamente construídos e hegemonicamente de domínio masculino, como por exemplo o caso do futebol, assunto que engendrou nosso estudo. Ora, em alguma medida associamos (ou vinculamos) o futebol a identidade nacional, como elemento aglutinador de nação, todavia, ao que tudo indica esquecemos de incluir a mulher dentro do país do futebol, estranhamente a presença feminina dentro e fora das quatro linhas ainda é inexpressiva.

Ao que parece, o universo do futebol desde sua origem, até os dias atuais é um espaço eminentemente masculino. Basta uma pequena comparação numérica e facilmente constatamos isso, segundo dados recentes da Confederação Brasileira de Futebol, o país tem cerca de 400 mil jogadoras, número inexpressivo frente aos jogadores profissionais, ou então as 12 milhões de atletas que pisam os gramados norte-americanos (<http://www.cbf.com.br/>). Outra constatação objetiva diz respeito a ausência de patrocínio (PISANI, 2014). Falar de futebol feminino no país historicamente conhecido como o país do futebol, a despeito dos avanços, ainda é um grande desafio, realidade que nosso estudo acaba por corroborar.

Conquanto para além das condições de natureza objetiva, há muitas outras de natureza cultural, social (das convenções) que impedem e invisibilizam a concretude e consolidação do futebol feminino, ainda que o país conte com a melhor jogadora de futebol feminino da história mundial. E o que é pior, do ponto de vista da subjetividade, existe uma pretensa associação entre o futebol e a masculinização da mulher, quando não ocorre o inverso em que se condiciona a participação feminina a serviço da subserviência, ou da instrumentalização do corpo como objeto de sensualidade e/ou prazer, para atrair o público masculino. Ou seja, falar de futebol e de sua história incluindo as mulheres é subverter a ordem e as reações daí decorrentes que expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for mais exacerbadas as suas réplicas (FRANZINI, 2005).

Tal conjuntura parece ainda mais acentuada, em regiões cujo acesso a formação esportiva e mesmo a formação escolar, carecem de investimentos, seja de natureza econômica, ou mesmo de acessibilidade. Por essa razão, resolvemos pesquisar o futebol feminino em Cáceres – Mato Grosso, considerando que essa região apresenta vulnerabilidades, seja por tratar de uma região de fronteira, ou mesmo por seus regulares índices de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

Sendo assim nos lançamos na presente investigação, cuja finalidade alvitra conhecer e registrar a memória histórica do futebol feminino no município de Cáceres - MT. Outrossim a dar "voz" às protagonistas de uma história futebolística, cujo tempo e o espaço fora cerceado e as narrativas silenciadas.

Para tanto partimos de duas primícias, sendo uma delas de que Cáceres fora fundamental (a mola propulsora) na expansão do futebol feminino no estado de Mato Grosso, e que tanto a mulher, quanto sua participação no futebol caminham, e em certa medida ainda caminham, a margem do espaço culturalmente reservado ao universo do futebol, o que engendra a necessidade de salvaguardar a história por meio da memória, dando "voz" as protagonistas e devolvendo-as a possibilidade de serem partícipes da história, sobretudo quando o assunto é futebol, notadamente o feminino.

Sabíamos que isso não seria possível sem que considerássemos as práticas e as vivências de nossas entrevistadas, tanto objetivas quanto subjetivas, que estão escondidas e são trazidas à luz e à apreciação apenas quando prospectadas por meio de uma pesquisa, à semelhança da descoberta que faz um arqueólogo, cujo trabalho reside em “escavar”, “vasculhar” os cacos para recuperar tesouros desaparecidos. Sendo assim, procuramos, colher narrativas de duas ex-atletas, bem como recortes de jornais da época e fotografias, na direção de “garimpar” as experiências e seus fragmentos, para que pudéssemos recontar, registrar e assegurar a importância do futebol feminino em Cáceres-MT e a necessidade de salvaguardar sua memória.

Certos de que rememorar é ligar-se ao fio de continuidade da existência, não apenas da existência pessoal, mas da trama de relações interpessoais e sociais que compuseram a própria individuação. Uma vez que a memória se constrói pelo tecer imagens, pelo evocar dos significados afetivos daquilo que não se quer esquecer. É, portanto, e analogicamente, uma liga que faz aderir os cacos do passado aos novos elementos do presente, colando os fragmentos dos episódios vividos à nova dimensão de significados ora adquirida e produzindo um vitral que determina nosso contexto (CARDOSO, 2004).

A seguir discorreremos de forma concisa, sobre o conceito de memória.

A memória e suas interfaces sociais

A forma como os *fiões da memória* são tecidos diz respeito à representação das vivências experimentadas e à explicação de sua própria existência, tanto na dimensão individual, quanto coletiva, expressas e construídas no interior de uma temporalidade.

Todavia quando aludimos a memória, sobre o que exatamente estamos falando? Faz-se necessário um olhar mais elaborado a respeito do conceito de memória, que a princípio é polissêmico, multifacetado, vago e, por vezes, ambíguo. A quantidade de fenômenos considerada, tanto no senso comum quanto nas diferentes áreas do conhecimento, que efetivamente se relacionam ao que se chama indiscriminadamente memória, é muito abrangente. E ainda: a palavra memória carrega consigo uma forte carga semântica e muitas interpretações. Conscientes disso, procuraremos nos esforçar para tornar o conceito menos nebuloso, ou por assim dizer mais claro.

Segundo Meihy (2002, p. 54), "memórias são lembranças organizadas segundo a lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais".

Gonçalves (1999), analisando o *boom* de estudos sobre a memória ocorrido nas últimas décadas do século XX, observa a dificuldade em estabelecer uma definição consensual sobre o termo. A autora esclarece que a palavra denomina duas ordens distintas de fenômenos, sendo estas tanto:

- a) o mecanismo de lembrança e esquecimento do tempo vivido pelos indivíduos e pelas sociedades (trata-se de uma dimensão "interior" da memória) quanto b) a existência objetiva da experiência dos grupos, através do tempo, objetividade essa expressa nos monumentos e relatos de sua história (p. 16).

Ao observarmos tal distinção, notamos que o primeiro mecanismo refere-se à mentalidade humana, seja na dimensão individual ou coletiva. Já o segundo diz respeito à materialidade e expressões materiais das sociedades construídas no interior de uma temporalidade.

Outra interessante conceituação sobre o tema foi proposta por Henri Bergson (1999) ao considerar que há distinções entre a memória-hábito e a memória-lembrança. Enquanto a primeira é aquela que incorporamos no dia a dia, como a aquisição do hábito de escrever ou de andar, por exemplo, que não exige esforço para se reaprender, a memória-lembrança pode trazer o passado resguardando sua "forma original".

A lembrança da lição, enquanto aprendida de cor, tem todas as características de um hábito, ela é adquirida pela repetição de um mesmo esforço. [...] A lembrança de determinada leitura é uma representação e não mais que representação [...] posso alongar ou abreviar; nada me

impede de abarcá-la de uma só vez, como num quadro. (BERGSON, 1999, p. 86-87).

Nesse sentido, outras duas importantes conceituações no tocante das investigações sobre memória, advêm de Halbwachs (1990) com o conceito de “Memória Coletiva”, e “Memória Social”, proposto por Olick e Robbins (1998). Ambas não refletem formas fundamentalmente diferentes de se pensar os processos da memória. Antes, elas estão relacionadas, sobretudo, às particularidades das abordagens de diferentes pesquisadores ou áreas.

Dada a proximidade conceitual entre elas (Memória Coletiva e Memória Social), outrossim, por questões de delineamento e limites pensados para o estudo, nos ateremos tão somente ao conceito discorrido por Maurice Halbwachs. Em seu estudo sobre a memória coletiva, Halbwachs (1990) também enfatizou a indissociabilidade entre tempo e espaço na memória. Segundo ele, o tempo da memória só se concretiza quando encontra a resistência de um espaço. No caso de uma memória coletiva, entretanto, a resistência desse espaço não é a mesma da verificada na memória individual. Todavia o autor é enfático em destacar que um indivíduo participa de dois tipos de memória: a individual e a coletiva.

Tendo, portanto, uma composição individual, a memória é fundada nas vivências mais significativas para determinada pessoa. Ou seja, é a forma sentida e expressa pelo indivíduo que viveu. De alguma forma, a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas, nas quais estamos envolvidos. Muito embora seus referentes sejam sociais, são eles que permitem que, além da memória individual, tenhamos também uma memória intersubjetiva, uma memória compartilhada, uma memória coletiva.

Esta memória não é a agregação pura e simples de memórias subjetivas. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. A memória coletiva evolui de acordo com suas próprias leis. Dessa forma, “se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais [aquele da] consciência pessoal” (HALBWACHS, 1990, p. 53-54).

O que é, então, exatamente, a memória coletiva? Para Halbwachs, ela é um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo. São todas “interferências coletivas” que correspondem à vida dos grupos. A lembrança é como a fronteira e o limite: ela está na intersecção de muitas correntes do “pensamento coletivo” (Halbwachs, 1990). O autor é enfático em destacar o caráter familiar, grupal e social da memória, obviamente sem negar importância à memória individual.

Segundo Halbwachs (1990, p. 102), “a memória coletiva é também uma corrente de pensamento contínuo, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um grupo.” Assim, o presente não se opõe ao passado, o que não quer dizer que tudo o que ocorreu no passado seja preservado. A memória compartilhada, por

definição, ultrapassa sempre os limites do presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado. Ela estende-se até onde pode.

A memória coletiva está, então, sempre se redefinindo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, isso não quer dizer que o grupo se esqueceu de uma parte do passado. O que acontece é que, na realidade, o grupo já não é mais o mesmo. Quando isso acontece, e se não se quer perder uma lembrança que não mais se sustenta por si mesma na consciência dos grupos, é comum então que esta lembrança seja eternizada, que seja registrada, transformando-se então em *memória histórica*.

Pois bem, aqui reside então, uma das principais ancoragens para realização do estudo, tendo em vista o que afirmamos anteriormente, que tanto a mulher, quanto sua participação no futebol estiveram, e em certa medida ainda se mantém, a margem do espaço culturalmente reservado ao universo (predominantemente masculino) do futebol, de maneira especial na cidade de Cáceres, lócus do estudo.

Ao passo que, ao concordarmos com (Halbwachs, 1990), quando destaca a necessidade de preservação da memória, afetada diretamente quando a mesma não mais se sustenta por si mesma na consciência dos grupos, sendo imperativo que esta lembrança seja registrada e transformada em *memória histórica*. Dito de outro modo, se a história oficial, por alguma razão "surrupiu", ou melhor, não contemplou as vozes de seus protagonistas (no contexto de nosso estudo, àquelas ligadas ao futebol feminino cacerense), por intermédio das lembranças prospectadas na investigação, oportunizou-se a inclusão de outras formas de registro da memória histórica.

Lembra-nos ainda Halbwachs (1990, p. 78-79), "Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida". Assim, enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la. A memória coletiva é, portanto, uma memória viva. É apenas quando o que se quer lembrar já está muito distante no passado, quando a memória social se apaga ou se decompõe, que ela tende a se transformar em memória histórica.

Halbwachs nos chama a atenção para algo mais: as memórias coletivas se eternizam muito mais em registros, em documentos, do que em formas materiais inscritas na paisagem. Na mesma direção, Fentress e Wickham (1992) e Lowenthal (1998) identificam como função principal da memória dar sentido ao presente de um grupo ou de um indivíduo, sentido esse que deve ser continuamente construído, uma vez que a memória não é estática, pois na base da sua formação encontra-se a negociação entre as lembranças do sujeito ou grupo e as dos outros grupos ou sujeitos. Halbwachs (1990) destaca essa característica como a condição fundamental para que as lembranças sobrevivam: quando lembramos, mesmo que nos achemos sozinhos, tal ato implica a inserção em um meio social que o possibilita. Mais do que contexto, lembrar implica partilhar lembranças.

Em resumo, a memória, ainda que tangenciada pela representação individual, sempre está associada a elementos externos, sejam eles objetos, sejam eles pessoas, como observou Cardoso:

Para que exista memória de grupo, deve existir um pensamento em comum. O grupo apoia suas memórias na história vivida, no espaço do qual faz parte e constrói, destrói e modifica. A mínima transformação do ambiente ressoa ao grupo como início da perda de seus referenciais. Perder referenciais é ativar imediatamente a preservação, a garantia da sobrevivência, a resistência e, conseqüentemente, a reafirmação da busca pela estabilidade, isto é, nega-se o rompimento. (1994, p.18)

Curiosamente, do mesmo modo que necessita do ancoradouro coletivo para sua preservação, seus referenciais sofrem quando afetados pelas transformações do próprio ambiente social que a sustentam. Logo, preservar os sistemas de referência da memória, significa combater as diferentes roupagens que afetaram e afetam de algum modo, os fios de continuidade da existência, não se trata apenas da existência pessoal, mas da trama de relações interpessoais e sociais que compuseram a nossa memória individual.

Ao passo que, ao combater a dilaceração das perdas da memória coletiva (sustentáculo da memória individual) transformando-a em registros, ou por assim dizer em memória histórica, significa enfrentar as muitas forças engendradas a partir do depauperamento dos referenciais, outrossim, propicia aos que por alguma razão, estiveram a margem da história (oficial), serem ouvidos e de alguma maneira vincular-se à ela.

Feito tal contextualização sobre os aspectos conceituais da memória, na continuidade do estudo, iniciaremos um novo tópico, cujo tema apresenta a história das mulheres em sua interrelação com o esporte, notadamente àquelas vinculadas ao universo futebolístico.

O esporte e a participação das mulheres

A inserção das mulheres brasileiras nas práticas corporais e esportivas data de meados do século XIX, entretanto, foi somente nas primeiras décadas do século passado que essa participação teve certa visibilidade, ampliação e consolidação (GOELLNER, 2007). Nos anos de 1920 um estilo esportivo passa a ser constitutivo de uma vida urbana que traz consigo novas maneiras de viver para acompanhar uma sociedade que se modernizava rapidamente, impulsionando uma cultura do corpo e do esporte. Sevckenko (1992) mostra esse papel preponderante do esporte no processo de urbanização da cidade de São Paulo e no controle das massas:

Não deveria escapar de fato a nenhum observador atento o quanto o adestramento físico e as suas necessárias implicações, em termos de hábitos de higiene, profilaxia, alimentação e regularização da vida cotidiana, acarretariam não só em aumento das aptidões físicas individuais, mas sobretudo numa consistente disciplina do comportamento e num estímulo extraordinário dos dispêndios de atividade, os quais causariam um impacto principalmente na

dimensão das expressões coletivas. (SEVCENKO, 1992, p. 47).

Alguns grandes eventos esportivos que surgiram nesse período, tais como os Jogos Olímpicos modernos, contribuíram para esse estilo de vida esportivo que adentra o século XX⁴ (SCHUPUN, 1999).

Nos anos de 1930 essa mudança no comportamento corporal marca a vida dos indivíduos e da sociedade em função da Segunda Guerra Mundial, o que, no caso brasileiro, alia-se ao golpe de estado que instaura a ditadura do Estado Novo, em 1939. Dessa forma, “a década de 1930 apresenta-se fortemente marcada por um incentivo às práticas corporais, por políticas de estado que estimulam e incrementam uma cultura do corpo, do vigor físico, de aparências atléticas”. (SOARES, 2011, p. 21).

Os esportes e a Educação Física tornaram-se poderosos instrumentos de melhoria da “raça” brasileira, surgindo como mecanismos de intervenção na educação da população no sentido de aperfeiçoamento dos corpos para que fossem saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida moderna. O esporte representava os valores da sociedade moderna, estabelecendo hierarquias e preservando os papéis sociais para um e para outro sexo. Segundo o eugenismo em voga, os esportes e os exercícios físicos seriam fundamentais para a preservação da higiene social e da ordem pública, de forma que as mulheres se tornariam mais “fortes” para sua mais nobre missão, a maternidade. O discurso higienista contribuiu, de certa forma, para tirar a mulher da segregação em relação ao esporte, com o argumento de que, sendo ela saudável, geraria filhos mais fortes para a nação. A mulher serviria como um meio de fortalecimento individual e social.

É possível dizer que se por um lado o incentivo à participação feminina na prática esportiva estava voltado para uma “libertação” do espaço privado e uma inserção na vida social daquele momento, por outro, a mulher fez parte de um projeto de nação que a identificava como um elemento para a modernização, pois, por meio do corpo feminino deveria se dar o fortalecimento orgânico dos corpos, o aprimoramento dos valores morais e a construção de uma raça forte (BOCK, 1991).

No contexto brasileiro esse movimento começa a ser mais acentuado a partir de 1960, momento em que as mulheres começam a participar efetivamente de espaços de circulação masculina e vão alcançando conquistas em diferentes campos, modificando os discursos normatizadores vinculados à figura feminina da época (RAGO, 2002).

Alguns estudiosos, como Kolnes (1995) e Messner (1988), indicam que embora pareça inovadora a presença feminina no esporte e principalmente no esporte de alto nível, ela sofre grande interferência dos padrões sexuais de gênero (o princípio da organização heterossexual). Ao contrário do que possa parecer, a mulher atleta ainda se vê obrigada –

4 A primeira Olimpíada que contou com uma delegação brasileira foi a de 1920, na Antuérpia. 29 atletas (homens) participaram nas modalidades de remo, polo aquático, saltos ornamentais, natação e tiro. A presença de mulheres brasileiras ocorre em 1932, nos Jogos realizados em Los Angeles, com a participação da nadadora Maria Lenk.

para ter sucesso no esporte – a reproduzir, e por consequência, a se conformar, com as ideologias patriarcais e mesmo com os modelos estereotipados de feminilidade, principalmente no que refere às suas aparências. Os padrões do “belo sexo” continuam plenamente em vigor. Assim, as relações homem/mulher/esporte parecem permanecer imutáveis em alguns aspectos: as mulheres continuam sendo vistas não pelas suas qualidades e habilidades esportivas, mas principalmente pelos seus quesitos imagéticos e “femininos” (beleza, charme etc.).

Mesmo com a visibilidade conquistada pelas mulheres, as condições de acesso e participação no campo esportivo são desiguais⁵. Os incentivos, apoios, patrocínios, premiações, oportunidades, ainda se mostram muito diferentes quando analisamos as diferenças entre a cultura dos corpos masculinos e femininos no esporte. Goellner (2005) cita o exemplo do futebol feminino, no qual o

[...] número de mulheres brasileiras que hoje praticam o futebol em clubes e área de lazer aumentou se comparado à década anterior. Porém, os campeonatos regionais são poucos, não há um evento de porte nacional, bem como não há um número considerável de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino, nem no nível administrativo das entidades que regem este esporte. Além disso, vários preconceitos e estereótipos ainda cercam a prática das mulheres desta modalidade, tais como a associação de sua imagem à homossexualidade ou os perigos do choque da bola para sua saúde reprodutiva. (2005, p. 95).

No contexto brasileiro, a história do futebol feminino é contada a partir de diversas opiniões: de um lado, Salles, Silva e Costa (1996) buscaram ressaltar a história através de fontes orais e escritas, por meio de um olhar clínico sob um jornal do Brasil que demonstrava que os primeiros jogos foram realizados na praia do Leblon, nos períodos noturnos, pois segundo informações presentes neste jornal as jogadoras eram, em sua maioria, empregadas domésticas no Rio de Janeiro. Do outro lado o historiador José Sebastião Witter (1996) afirma, em sua *Breve História do Futebol Brasileiro*, que:

No Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros. (WITTER, 1996, p.21).

Segundo Giulianotti (2002) “no Brasil, tem-se registros da sua existência em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro já nos anos de

5 Outros campos de atuação como, por exemplo, a arbitragem de futebol e a orientação técnica de boa parte das modalidades esportivas ainda mostra essa pouca participação das mulheres: Goellner (2005); Schumacher; Brazil (2000).

1930. Apesar disso, dentro da historiografia do futebol moderno são raros os estudos que tratam especificamente do futebol feminino”. (GIULIANOTTI, 2002, p.174). Ecoten e Corsetti afirmam que “em 1940 já havia notícias de partidas de futebol disputadas por mulheres” (2010, p.5).

Somente em 1979 o futebol feminino brasileiro passa a ser reconhecido legalmente pelo CND (Conselho Nacional de Desportos)⁶. É importante ressaltar que, mesmo antes deste decreto ser sancionado, as partidas de futebol feminino ocorriam informalmente. Em contrapartida, “Em 1935, por exemplo, surgiram os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, que reuniram mulheres em atividades poliesportivas, entre as quais o futebol não estava incluído (TAVARES; PORTELA, 1998, p.76). Entretanto, Mourão e Morel ressaltam que:

Embora o Futebol Feminino ainda não represente uma prática latente, observa-se nesses eventos um elo de inserção da mulher na esfera pública e como manifestação de um certo fervilhamento de uma época, em que a mulher já procurava legitimar a sua presença no esporte. (MOURÃO E MOREL, 2005, p.76).

Goellner (2005) aponta que os anos de 1980 e 1990 caracterizam-se pela participação das mulheres em esportes antes considerados impróprios por serem violentos, tais como: o handebol, o judô e o futebol. E, ainda hoje, alguns esportes carregam a marca de serem muito viris para a prática feminina.

No esporte a referência à virilização/masculinização em relação às mulheres ainda persiste. A menção à mulher viril aparece quando ela apresenta algum sinal físico secundário que é atribuído sexual e culturalmente aos homens, como por exemplo: músculos grandes, ombros muito largos, seios pequenos. Aquelas que apresentam esses elementos de aparência andrógina (porque atravessam as fronteiras do que é considerado como um biotipo feminino), muitas vezes, são imediatamente suspeitas quanto à sua identidade como mulher (LOUVEAU, 2000).

É sobre a natureza biológica das mulheres que se constrói o mito da fragilidade feminina e é também neste processo de proibições e recomendações para os sexos que o território do esporte se constitui. Os corpos e as imagens de algumas atletas rompem com esses padrões de feminilidade, fundamentalmente por suas aparências. O “ser feminina” quer dizer que a mulher é frequentemente reduzida a ser percebida como tal.

⁶ Em 1941, é promulgado o decreto-lei n. 3.199, que até o ano de 1975 estabeleceu as bases de Organização dos Desportos em todo o país. E em seu artigo 54, fazia referência à prática do esporte pelas mulheres. Preceituava que: “[...] Às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país [...]”. E o futebol era um dos esportes que não deveria ser praticado pelas mulheres. (MOURÃO; MOREL, 2005).

Num mundo no qual as normas corporais são massivamente midiaticizadas, as aparências e atividades das mulheres são possíveis e desejáveis na medida em que mantêm a definição dominante de feminilidade. Talvez por isso, o futebol feminino tenha sido um dos esportes que menos incentivou, inclusive a partir de proibições legais, a participação das mulheres.

Percurso metodológico da investigação

A escolha precisa de uma metodologia de pesquisa é sempre um desafio para o pesquisador. Deve-se considerar a complexidade de elementos que compõe as diferentes tipologias de pesquisa e as diferentes matizes epistemológicas a partir das quais as investigações científicas são concebidas, para cujo êxito é fundamental a adequação metodológica, uma vez que ela é o sustentáculo de um trabalho dessa natureza.

Quando esboçávamos o percurso metodológico com que pretendíamos desenvolver este trabalho, entendemos que a abordagem qualitativa seria a melhor forma de analisar as narrativas encontradas em nossa investigação, bem como de fazer inferências sobre elas, uma vez que tal modalidade nos confere a possibilidade de observar/compreender os valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões sobre fatos e processos particulares e específicos dos indivíduos e grupos em que estão inseridos (Chizzotti, 2003). Antevendo as possibilidades que somente a pesquisa qualitativa pode franquear, sobretudo, neste caso, no que concerne à agregação de valor e ao respeito à dignidade da “voz” aos entrevistados, decidimos por adotar seus critérios em nosso trabalho. Fizemo-lo, porém, com cautela, procurando não incorrer em eventuais problemas de validação científica, para o que elegemos um procedimento de coleta e análise de dados que guardasse coerência entre a metodologia e a tipologia que julgamos mais coadunada com o atendimento dos objetivos desta pesquisa.

Para os fins de nossa investigação, elegemos o método denominado *História Oral*, que se reporta à narrativa para buscar o significado das vivências, experiências pessoais, familiares, profissionais, comunitárias e sociais dos indivíduos. Essa técnica torna possível aprofundar o conhecimento da realidade a partir da concepção que o pesquisado lhe atribui (MARTINELLI, 2003). A razão dessa escolha é que ela possibilitará, de um modo sistemático, organizar os dados coletados, de tal forma que as inferências comparativas, advindas de deduções lógicas, permitam chegar, com certa segurança, a decisivas e pertinentes considerações sobre o tema observado em nosso trabalho.

Objetivo do estudo

A presente pesquisa dedicou-se a conhecer e registrar a memória histórica do futebol feminino no município de Cáceres - MT, tendo em vista que, Cáceres foi considerada fundamental (a mola propulsora) para a expansão do futebol feminino no estado de Mato Grosso. Do mesmo que ao cotejar a (memória) história do futebol feminino, o estudo também

oportunizou a externalização da expressividade feminina (de modo geral), e de algum modo devolver, ou melhor, dar "voz" as protagonistas de uma história futebolística, cujo o espaço e as narrativas foram silenciadas e estiveram historicamente margeadas.

Observações a respeito das entrevistas

A exemplo de outras metodologias científicas, a *História Oral* requer utilização de determinadas técnicas para a coleta de dados. Por essa razão, em nossa pesquisa, optou-se pelo uso da entrevista semiestruturada. Convém, no entanto, destacar que houve um cuidado apurado nesse momento de escolha do instrumento mais apropriado, uma vez que observamos nele um elemento decisivo para a fidedignidade, ou melhor, para a legitimidade científica exigida para um trabalho desta natureza. A propósito, Alberti (2005) concebe a entrevista como a principal etapa da *História Oral*, pois é na realização de entrevistas que se situa efetivamente seu desdobramento. Deste modo, embora a investigação tenha se valido de entrevistas semiestruturadas, seguindo um roteiro preestabelecido, cuidamos para que o entrevistador reformulasse ou inserisse questões ao perceber possíveis dificuldades de entendimento por parte dos entrevistados.

O procedimento da entrevista semiestruturada, comumente empregado na metodologia da *História Oral*, possibilita a utilização de um roteiro com questões previamente definidas e o acréscimo de novas perguntas caso haja necessidade (BONI e QUARESMA, 2005).

Lócus da pesquisa

A pesquisa fora realizada na cidade de Cáceres-MT, englobando suas extensas adjacências. Houveram dois critérios em especial, para a escolha do lócus da pesquisa, o primeiro deles sobreveio de rudimentos de que Cáceres tivera notória importância na expansão do futebol feminino no estado de Mato Grosso.

Curiosamente, ao mesmo tempo que alguns fragmentos, ou lampejos sinalizam tal notoriedade, há pouco, ou quase nada de registro da memória futebolística feminina no município, nem mesmo no museu local. Fato que nos encorajara na realização do estudo, tacitamente desconfiados de que a ausência desses registros da memória histórica, podem estar atreladas com a marginalização da participação feminina na modalidade esportiva, e em termos mais amplos, ligados ao silenciamento imposto às mulheres historicamente, conforme dito anteriormente.

Participantes

Inicialmente é preciso destacar que uma das pesquisadoras/escritoras desse estudo é ex-atleta do futebol feminino, tal fato facilitou bastante o acesso às pessoas que influenciaram a história do futebol na cidade de Cáceres-MT, constituindo assim, um ponto inicial para a composição de nossa rede de depoentes.

Logo, o primeiro critério para escolha das depoentes, decorre dessa percepção inicial, cuja trajetória futebolística de uma das pesquisadoras/escritoras do estudo, permitindo-la cotejar a relevância, o status e engajamento de participantes que apresentassem as melhores potencialidades para a realização do estudo.

Não obstante a isso, outros quatro critérios estiveram presentes para seleção das entrevistadas, sendo eles: ter participado do primeiro time de futebol feminino do município de Cáceres; apresentar o mais longo tempo de permanência no universo futebolístico no município; Desfrutar de outras experiências fora a vida de atleta, contudo que são atinentes ao futebol feminino e ser do gênero feminino, tendo em vista a percepção das relações de gênero, que de algum modo perpassam os lugares que historicamente foram, e em certa medida são de hegemonia masculinos⁷.

Face ao exposto, a fim de caracterizarmos melhor as duas depoentes escolhidas, resumiremos seus dados, numa espécie de apresentação do perfil, em formato de quadro, ao passo que tal compilação de informações se torne mais elucidativa e facilite a compreensão:

Quadro 1: Características das depoentes.

Nome⁸	Participação no primeiro time feminino em Cáceres	Tempo de Participação no futebol feminino	Atividades atreladas ao futebol	Gênero
Regina Menacho	Sim	Alguns anos, vale destacar que na época foi considerada a melhor zagueira do MT.	Ex-atleta e com ampla participação na secretaria de esporte municipal	Feminino
Ester Campos	Sim	Enquanto o time existiu, considerada um ícone para o futebol feminino no município.	Ex-atleta e ex-técnica	Feminino

⁷ Embora reconheçamos a existência de importantes figuras masculinas para constituição e propagação do futebol feminino em Cáceres, delimitamos a escolha pelo gênero feminino, tendo em vista que a percepção, o entendimento e as implicações do cerceamento da entrada e permanência do universo futebolístico são percebidas e recebidas de forma diferente entre os gêneros.

⁸ A garantia da preservação do anonimato, confidencialidade das informações e privacidade dos participantes em uma pesquisa, cumpre uma importante missão de responsabilidade do/a(s) pesquisador/a(s). Com base na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, as pesquisas que envolvem seres humanos implicam, do ponto de vista ético e científico, observar a quatro princípios referenciais básicos: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça. Pois bem, embora cientes dessa diretriz científica e reconhecendo sua relevância, notadamente no interior de algumas matizes epistemológicas, sabemos que outras modalidades de pesquisa, apesar de também respeitarem os princípios científicos, atuam numa perspectiva diferente, isto é, assentadas sob a ótica contrária, versam por identificar seus personagens e protagonistas, contestando seu anonimato. Operam na direção de devolver a visibilidade, valorizando suas narrativas e experiências, dando voz aos que de algum modo estiveram historicamente silenciados. Nesse sentido então, por questões epistemológicas (estando nosso estudo assentado nos pressupostos da História Oral), outrossim, atendendo as enfáticas solicitações das depoentes, optamos por nomeá-las, a fim de valorizar suas participações, rejeitar o anonimato e a invisibilidade existente na história (oficial), do mesmo modo combatendo ao enfraquecimento dos aferentes da memória (individual e coletiva).

Destarte, com base nas narrativas de Ester Campos e Regina Menacho reunimos fragmentos da historiografia do futebol feminino de Cáceres.

É preciso sublinhar ainda, que os critérios para definição da quantidade de sujeitos a serem pesquisadas, adveio da própria metodologia adotada. A *História Oral*, tomada como um método de pesquisa, defende a não exigência de quantidade, pois parte da compreensão de que os pesquisados não devem ser considerados como “unidades estatísticas” (ALBERTI, 2004), mas sim como pessoas de valor inestimável, as quais representam um referencial qualitativo “em função de sua relação com o tema estudado” (ALBERTI, 2004). Ou seja, “[...] tal decisão depende diretamente dos objetivos da pesquisa [...] o número de entrevistados pode até se restringir a uma única pessoa, se seu depoimento estiver sendo tomado como suficientemente significativo [...]” (ALBERTI, 2004, p. 35).

Quanto aos materiais

No que tange aos materiais para a coleta dos dados, tendo à disposição um roteiro de entrevista semiestruturado, como apresentado anteriormente, fizemos a opção pela gravação lançando mão de recursos audiovisuais. Foram usados: uma câmera fotográfica digital e, em alguns momentos, concomitantemente, um gravador digital, para que se garantisse a qualidade do registro e contássemos com um *backup* de segurança, providências que nos permitiram posteriormente uma transcrição integral dos depoimentos.

Conquanto, além das duas entrevistas, também recorreu-se a recortes de jornais e fotografias da época. Os recortes de jornais da época foram utilizados para relatar e averiguar a versão histórica sobre o início do futebol feminino na cidade e como esse futebol se expandiu pelo estado, juntamente com relatos da trajetória do futebol feminino na cidade e suas adjacências. Os jornais foram cedidos pelo arquivo municipal de Cáceres-MT dos anos 70, as escolhas destes materiais se basearam em informações que retratassem o futebol feminino em Cáceres, relacionando: jogos, treinos, campeonatos, viagens para jogos, destaques de atletas e entre outros.

As “marcas” e considerações de nosso estudo

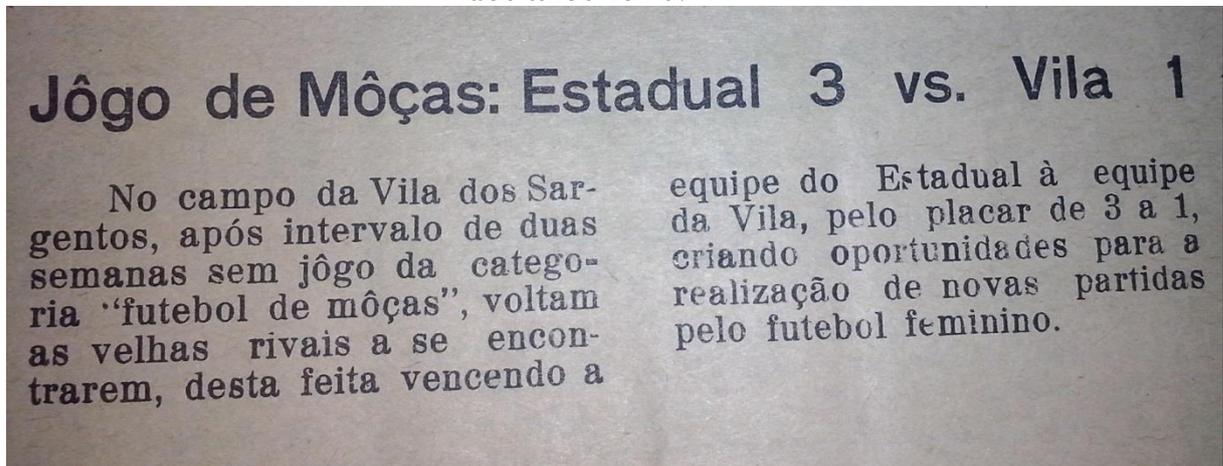
Através do relato de uma de nossas entrevistadas, o futebol feminino em Cáceres, começa oficialmente nos anos de 1970. Ela nos conta que: “[...] a origem do futebol feminino, vai começar lá atrás, noutro momento [...], que ele surge lá nos anos 70, no período ainda que eu era criança inclusive tenho uma irmã minha que jogou” (Ester Campos, 2014). Ortiz (2014) relata com mais precisão a data de oficialização do futebol na cidade de Cáceres:

De acordo com as respostas do secretário, podemos afirmar que o Primeiro Campeonato ocorreu em 1976, e ficou conhecido como Primeiro “Campeonato de Moças”,

com a participação das equipes do bairro da Ponte e Matador. A iniciativa veio do esportista professor Eduardo Benevides Lindote, conhecido como professor Lindote. (ORTIZ, 2014, p.16).

Tal informação pode ser também examinada no excerto da reportagem, a seguir:

Figura 1: resultado de jogo de futebol feminino. Uma das primeiras equipes dos anos 1970.



Fonte: Jornal *Correio Cacerense*, 10 setembro 1970.

Entretanto de acordo com a entrevistada Ester Campos (2014) a sua prática no futebol inicia nas ruas, concomitante a dos meninos, antes dos anos 80, e é fortemente marcada pela dificuldade em participar de um território compreendido como masculino. Segundo esta entrevistada:

[...] eu comecei o futebol feminino, eu quando criança jogava na rua né, com os moleques, porque naquele período era raro menina jogar futebol, mas assim, a gente jogava no meio dos moleques, então dentro desse grupo dos meninos, tinha o quê: Uma, duas, três meninas no máximo, era uma briga pra entrar, então aquela que disputava, os guris queriam, no caso, era eu. (Ester Campos, 2014)⁹.

No contexto do Brasil a prática do futebol feminino possui uma grande explosão nos anos 80 conforme Goellner (2005). A fala da entrevistada nos permite afirmar que a prática na cidade de Cáceres também começou nesse momento histórico. A década de 1980 na cidade de Cáceres é considerada muito importante para o futebol feminino porque neste momento histórico ocorreu a criação de duas equipes de futebol. Segundo uma das entrevistadas:

⁹ Optamos por realizar um recuo diferenciado para as narrativas das entrevistas, de maneira que elas, se diferenciem das citações diretas, com mais de quatro linhas, conforme à orientação da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

[...] começou na época em Cáceres 1981/1982, surgiu em Cáceres duas equipes, de um lado no comando, tinha um senhor chamado de Jota de Olindo muito conhecido dentro de Cáceres, [...] do outro lado ficou o Woshiton Virgílio, [...] formou uma outra equipe pra confrontar com a equipe do seu Jota de Olindo que colocou o nome da equipe dele de *As Tremendonas* (que é o nome do supermercado dele) [...]. E do outro lado a equipe formada pelo Woshiton Virgílio era chamada *As gatinhas*, essas eram as duas equipes que surgiu nos anos 80, falo anos 80 porque ela surgiu nos anos 80,81, pra cá, com duas equipes sempre faziam amistosos, essas duas equipes faziam, tinha uma decisão de Campeonato, vamos fazer uma preliminar, chamava as duas equipes pra fazer uma preliminar e com isso aglomerava muita torcida que gostava de ver a mulherada jogar bola. (Ester Campos, 2014).

Com isso o futebol feminino ganha espaço dentro da cidade e suas adjacências, mesmo com as dificuldades e sem apoio político, com base no incentivo de um jornalista chamado Lindote que escrevia colunas esportivas, incentivando as meninas a praticarem o futebol, “seu Lindote era jornalista, escrevia colunas esportivas”. (Ester Campos, 2014). Esse futebol que ganhava espaço em Cáceres possuía das atletas uma grande dedicação de treinos diários, eram meninas que tinham o futebol como uma prática prazerosa, pois jogavam apenas pela paixão, em um jogo decisivo ou mesmo num treino, conforme nos contaram nossas entrevistadas. Segundo Regina Menacho:

Nos dedicávamos! Às 4:00 horas da manhã nós estávamos no treino, geralmente na quadra da escola Ceon, nós saíamos às 9:00 da manhã; veja quantas horas de treino; quantas horas de esforço [...], mesmo sem nenhum aparato, porque nós não tínhamos nenhum aparato para jogos, por exemplo você não tinha investimentos, jogos de camisa, você não tinha investimentos de prefeitura, você não tinha patrocínio, nem se falava em patrocínio, pra você conseguir material esportivo, você ia pra rua fazer pedágio ou fazia promoções, e aí começava a comprar chuteiras; na verdade chuteiras eram raras para mulher era raro, então se começava a comprar meião, compra as camisetas, mais os investimentos eram nossos, assim a vontade de você jogar [...]. E digo para você sem incentivo de patrocínio nenhum foi por vontade própria mesmo por interesse [...], que os recursos são poucos, hoje você vê que nós temos a melhor jogadora do mundo é brasileira, né, mais você vê falar da seleção? Jogo da seleção masculina! Mas você não vê ainda hoje falar, por exemplo, “amanhã vou reunir a turma para assistir o jogo de futebol feminino no país”, apesar de nós termos a melhor jogadora do mundo eleita por várias vezes! Então você percebe que ainda existe o preconceito, então você não vê grandes patrocinadores patrocinarem o futebol feminino, aqui, por exemplo, você não vê; então porque? Preconceito,

simplesmente isso, né, se existe ainda o futebol feminino se existe toda essa luta, é por vontade própria. (Regina Menacho, 2015).

Devido a toda essa dedicação das mulheres nos treinos, Regina Menacho (2015) foi considerada a melhor zagueira¹⁰ de Mato Grosso. Ela nos contou que foi “considerada na época a melhor zagueira do estado de Mato Grosso, tanto é que joguei em outros times”, sendo assim compensada pelo seu esforço e sua dedicação.

Regina Menacho (2015) nos relata a dedicação da entrevistada Ester Campos ao assumir a posição de técnica na busca pela manutenção do futebol feminino na cidade de Cáceres, mesmo com o pouco apoio e incentivo já apontado em seus depoimentos. Segundo (Regina Menacho, 2015): “[...] como técnica, organizadora de time ela descobriu meninas muito boas, tanto é que tinha time que ganhava toda região, mas não teve incentivo, infelizmente não teve, você veja bem com a melhor jogadora do mundo do nosso país, como era para ser o futebol feminino aqui? ”.

Face ao interessante conteúdo narrativo extraído da depoente Regina Menacho (2015), podemos notar como a memória, ainda que tangenciada pela representação individual, sempre está associada a elementos externos, sejam eles objetos, sejam eles pessoas, observamos que em sua fala, ela faz alusão à dedicação de uma outra jogadora, que se convertera em técnica, e curiosamente, compõe nossa rede de depoentes. Notemos então, que os aferentes da memória são tecidos pelas tramas de relações interpessoais e sociais que fundam nossa memória individual, sendo esteio para nossa memória coletiva.

Outrossim, tal excerto narrativo, revela-se impingindo de desapontamento frente ao descrédito e ausência de incentivos, no que diz respeito aos domínios do futebol feminino, muito embora não esteja restrito à ele. Conforme já afirmamos, as condições de acesso e participação no campo esportivo são desiguais entre os gêneros, fato sobrepujante quando se trata do universo futebolístico (GOELLNER, 2005).

Em termos mais amplos, a história do esporte de modo geral, nos mostra que mesmo com tantas interdições e dificuldades nas práticas corporais e esportivas para as mulheres, elas adentraram, e é bom lembrar que essa entrada não foi tranquila, os espaços esportivos e passaram a ser protagonistas nesse cenário. A assertiva de que ‘lugar de mulher é em casa cuidando dos filhos e do lar’ é rompida quando as mulheres passam a ocupar espaços antes considerados territórios dos homens. Ester Campos em seu depoimento, fala das dificuldades enfrentadas no trabalho com o futebol feminino:

Nós temos hoje dirigentes que são pessoas formadas em Educação Física; que tem todo o aval para formar uma equipe; mas não interessa; na verdade para trabalhar o futebol feminino você tem que ter muita paciência; muita paciência; achar um tempo disponível para você estar

¹⁰ Zagueira- jogadora de posição defensiva que atua a frente do goleiro, no futebol de campo.

trabalhando politicamente para você formar sua equipe; e a estrutura também; que não exige muito porque recurso humano dentro da cidade tem bastante; tem as meninas; que gostam do futebol, mais a pessoa tem que ter aquele jogo de cintura”. (Ester Campos, 2014).

O futebol feminino na cidade de Cáceres foi também constituindo outras equipes como as *Gatinhas*, as *Londrinhas*, as meninas do *Tremendão* e a equipe da *Cavallhada*. Nas regiões vizinhas criaram-se times em Mirassol d’ Oeste, Pontes Lacerda, Quatro Marcos e em Araputanga (cidades do estado de Mato Grosso), isso entre os anos de 1980 e 2000. Essas quatro equipes da cidade faziam quadrangulares e copinhas entre si, e organizavam jogos com os demais times das regiões vizinhas, conforme informações coletadas em nossos depoimentos. Era uma troca de jogos de cidade em cidade. Em determinado momento, os times de Cáceres que iam jogar nas regiões vizinhas, noutra, eram as cidades vizinhas que vinham jogar em Cáceres e assim foi se expandindo o futebol de Cáceres. Com o passar dos anos os dirigentes/técnicos foram se afastando dos times, alguns foram embora da cidade e outros mudaram de ramo. E isso fez com que algumas jogadoras passassem a assumir o cargo de técnicas de seus próprios times; não deixando o futebol feminino sucumbir. Por serem (ex) jogadoras e terem experiência da prática esportiva elas acabaram abrindo portas de entrada a novas gerações. Ester Campos afirma que:

As pessoas que eram liderança do futebol feminino começaram a mudar de ramo: seu Jota de Olindo mudou da cidade, Woshiton Virgilio afastou da equipe dele e com isso as próprias meninas que jogavam, passaram a fazer liderança nas suas equipes, por exemplo, eu tomei conta da equipe [...], com as mudanças foram surgindo, já para os anos 90, aquelas meninas que jogaram se tornaram dirigentes, técnicas, jogar e dirigir equipe, assim foi dos anos 80, as equipes que foram surgindo de 80 pra 90, e também assim o afastamento dos primeiros dirigentes que surgiu as lideranças das próprias meninas e começou a surgir novas equipes. (E.C., 2014).

Surgiram outros times como, por exemplo, o *Palmeirinhas* que passou a ser *União Cacerense Futebol Clube*, *Estrelinhas*, *Princesinha*, *Garcês*, *Santo Antônio*, *Santos Dummont*, as *Marajoaras*. Em uma das falas da entrevistada ela nos conta:

Eu sempre brincava com pessoal; falava: olha nosso nome tem que ser nome de equipe forte porque esses que terminam com “inha” não chega em lugar nenhum, e a turma do “inha” era bastante turma do “inha”; só a minha que era diferente União Cacerense Futebol Feminino. (Ester Campos, 2014).

O futebol passou por várias transformações no decorrer dos anos e um momento importante foi a inclusão do futebol feminino nos jogos escolares, proposto pela Secretaria de Esporte do Estado, no ano de 1999. Dessa forma, o futebol feminino começa a ser reconhecido pelo estado de Mato Grosso. Nossa entrevistada nos conta como se deu esse processo:

Ai nesse período o futebol feminino de Cáceres começou a ter uma identidade definitiva porque foi necessário o convite que a gente, por eu ser funcionária do município trabalhava na secretaria da educação e ter a equipe União Cacerense Futebol Feminino, surgiu os jogos estudantis, e no jogos estudantis a modalidade futebol feminino, existia até então só futebol de salão nos jogos estudantis. [...] Ai já era 2000, por isso que eu falo para você, de 95 pra cá, o futebol já teve identidade definitiva de Cáceres, então quando chegou no ano de 2000, para ser mais preciso em 99, veio um convite dos jogos, aí, foi para Secretaria de Esporte e Cultura que tem aqui, através do professor Salmo na época coordenador aqui, me procurou, falando que surgindo a modalidade de futebol feminino dentro dos jogos estudantis, eu não acreditei, né, jogos, sério? Sério, e ai vai ter o regional, se vocês classificarem dentro do regional, conquistam a vaga para o estadual, é mesmo? É verdade.” (Ester Campos, 2014).

Figura 2: O estadual. Apresentação da equipe de futebol feminino nos regionais em 2002.



Fonte: Jornal *Correio Cacerense*, 10 setembro 2002.

Existiam dúvidas por parte de alguns dirigentes, em relação a não ter meninas que jogassem muito bem para disputar o Campeonato Regional (que, no caso da equipe se consagrar campeã, disputaria o Campeonato Estadual). Sabendo que existia um campeonato de bairro, passou-se a observar as meninas que ali disputavam para que pudessem fazer um seletivo entre as mesmas, isso sob olhar da ex-atleta Ester Campos e outros dirigentes. Já com as meninas escolhidas a partir do seletivo, partiram então para a cidade na qual iriam jogar/disputar o regional, que naquele ano foi realizado na cidade vizinha de Mirassol D'Oeste. A equipe de Cáceres venceu a etapa regional, o que garantiu a participação no Campeonato Estadual. Uma de nossas entrevistadas, nos conta que:

O regional foi aqui no Mirassol do Oeste, que nós fizemos a seleção, primeira, fizemos a seleção contra Mirassol D'oste, quando chegamos em Mirassol do oeste automaticamente nós fomos campeão, Cuiabá, classificava direto, no futebol, nem veio aqui no regional. (Ester Campos, 2014).

No Estadual ocorrido na cidade de Alta Floresta, outras equipes também disputariam com a de Cáceres: Primavera do Leste, Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis, e o “time da casa” que era Alta Floresta. Pela decisão dos dirigentes do Campeonato Estadual, fora decidido que jogariam todas contra todas, como afirma nossa entrevistada que foi para o Estadual, não como atleta mais como técnica (E.C., 2014). Nesses jogos o time de Cáceres se destacou, obteve um bom rendimento e ganhou na classificação geral, disputando a final contra Cuiabá. Ester Campos nos relata um pouco desse processo:

Vai jogar todos contra todos, aí veio jogamos a primeira vencemos, jogamos a segunda vencemos, jogamos a terceira vencemos, jogamos a quarta vencemos, foi cem por cento de aproveitamento, aí as duas que somaram maior número de pontos, fazia a decisão; nós ficamos em primeiro lugar na classificação geral, aí era o segundo lugar aí nós fazíamos a final, nós e Cuiabá, entendeu, apesar de nós termos classificar em primeiro lugar; mas mesmo assim tivemos que fazer a decisão; que pegou no geral; primeiro e segundo lugar. (Ester Campos, 2014).

O time da capital Cuiabá era sempre o mais temido pelas adversárias das outras cidades. No Campeonato Estadual de 2002, Cáceres venceu o jogo contra o time de Cuiabá ganhando o título e tornando-se a primeira equipe campeã de Mato Grosso no futebol feminino sub-17. Nossa entrevistada nos conta com muita euforia sobre esse importante momento para o futebol feminino cacerense: “Aí fizemos a decisão e fomos campeãs em cima de Cuiabá, aí escreve-se a história, primeira equipe campeã do futebol feminino do estado de MT sub- 17. Cáceres, né, sub- 17, porque a idade do estudantil, aí e ficou a nossa equipe campeã estadual”. (Ester Campos, 2014).

Figura 3: Campeã no futebol feminino. O time de Cáceres é campeão nos XXV Jogos Estudantis Mato-Grossense



Fonte: Jornal *Correio Cacerense*, 06 setembro 2002.

Após certo tempo passado, de terem perdas e ganhos no futebol feminino, muitas meninas saíram do time como nos conta Regina Menacho (2015) que “[...] então quando fala que o originou o estado de Mato Grosso, originou sim, por que várias meninas depois que mudaram de Cáceres começaram a formar time nos outros municípios pequenos”, e mantendo a prática do futebol ativa.

Notemos neste ponto a importância do registro e da preservação da memória (individual e coletiva). Com base na prospecção dos relatos narrativos, que se fundaram na memória das entrevistadas, pudemos cotejar a importância representativa do futebol feminino cacerense, a despeito da ausência de registro na história dita oficial, como já afirmamos anteriormente. Nos parece salutar e assertiva a compreensão de Halbwachs (1990, p. 78-79) ao advogar que, "Nossa memória não se apóia na história aprendida, mas na história vivida".

Com o êxito da equipe de futebol feminino de Cáceres, além das cidades vizinhas investirem na criação de times para as competições mais regionais, percebemos, através dos depoimentos coletados, que houve maior investimento no time de Cuiabá considerando o investimento que estava sendo feito nas cidades do interior do estado.

Pelos elementos elencados na história que construímos, através dos depoimentos, fotografias e recortes de jornais, constatamos que o futebol de Cáceres foi muito importante para a expansão do futebol feminino dentro do estado de Mato Grosso, trazendo para a equipe a oportunidade de jogar fora do estado e levando o nome da cidade de Cáceres como mais uma equipe feminina de futebol.

Atualmente o futebol feminino ainda está presente na cidade de Cáceres, mas, segundo as entrevistadas, com menor expressão e energia. Essa talvez seja a versão de quem viveu um momento intenso e direcionou a vida em função deste esporte. Hoje, atuando em outras áreas, essas mulheres comentam o apagamento da prática do futebol pelas mulheres. Elas apontam também, que o preconceito com as mulheres jogadoras ainda continua tão presente quanto há 20 anos atrás. Segundo um dos relatos a maior parte do preconceito parte de dentro do círculo familiar. Segundo Ecotene Corsetti:

[...] a própria sociedade, especialmente o meio familiar, até nos dias de hoje, faz com que ainda exista esse tipo de distinção. Este aspecto pode se reafirmado por um depoimento dado em 2004, pelo então técnico da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, Renê Simões. Na véspera da partida final dos Jogos de Atenas, o técnico deu uma declaração a uma emissora de televisão, pedindo desculpas a suas três filhas, por nunca ter lhes dado de presente uma bola de futebol, e por nunca tê-las ensinado a jogar. (ECOTEN; CORSETTI, 2010, p.4).

A fala contida na citação acima, igualmente as narrativas das entrevistadas apontam para a mesma direção: a imprescindível necessidade de romper com os ditames, estereótipos e preconceitos que circundam o universo do futebol feminino.

Assim, nosso empenho em registrar as lembranças e histórias vinculadas as quatro linhas do campo, ou quadra, atua em dois sentidos: combatendo os convencionalismos infundados e na preservação dos sistemas de referência da memória, tendo em vista que pesquisas em torno do futebol feminino no país ainda são bastante recentes, fato ainda mais notório para região em que o estudo foi desenvolvido. Por essa razão, buscamos por intermédio desse estudo expandir o debate sobre o mote, que a despeito de seus avanços, ainda se mantém velado e timidamente aventado.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual da História Oral*. São Paulo: Editora FGV, 2004.

BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOCK, Gisela. A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: o século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 1991. p.185-220.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais. *Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2, nº. 3, p. 68-80, janeiro a julho de 2005. Disponível em: < www.emtese.ufsc.br>. Acesso em 31 maio 2014.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A, 1979.

CAPPELLANO, Renata. *O torcedor de futebol e a imprensa especializada*. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

CARDOSO, Simone Rossi. *Memórias e jogos tradicionais infantis: lembrar e brincar e só começar*. Londrina: Eduel, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios, *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, ano/vol. 16, n. 2. p. 221-236, 2003.

CHUPUN, Mônica. *Beleza em Jogo: Cultura Física e Comportamento em São Paulo nos Anos 20*. São Paulo: Editora SENAC/Editorial Bointempo, 1999.

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: Do seu início à Prática Pedagógica, *Motriz. Revista de Educação Física*. São Paulo, 2002.

ECOTEN, Maria Cristina; CORSETTI, Berenice. A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. In: FAZENDO GÊNERO, 9, 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2010.

FENTRESS, James.; WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.25, n.50, p.315-328, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n.2, p.171-196, maio/agosto 2007.

GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, n.04-05, p.13-39, 1998/1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990.

JEDLOWSKI, Paolo. Memory and Sociology: themes and issues. *Time & Society*, v.10, n.1, 29-44, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. O impacto da mídia e das novas tecnologias de comunicação na Educação Física. *Motriz*, 1, 129-36, 1995.

KOLNES, Liv Jorunn. Heterosexuality as an organizing principle in women's sport. *International Review for the Sociology of Sport*, London, v. 30, n. 1, p. 61-77, mar. 1995.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, n.17, p. 63-202, 1998.

LOUVEAU, Catherine. Sportives et dopage: le sport contre la féminilité? In: LAURE, Patrick (Org.). *Dopage et société*. Paris: Ellipses, 2000.

MARTINELLI, Maria Lúcia. *Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Editora Veras, 2003.

MEIHY, José Carlos Sede Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2002.

MESSNER, Michael. Sports and male domination: the female athlete as contested ideological terrain. *Sociology of Sports Journal*, v. 5, n. 3, p. 197-211, 1988.

MOREL, Márcia; MOURÃO, Maciel. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*, v.26, n.2, jan. 2005.

OLICK, Jeffrey K.; ROBBINS, Joyce. Social Memory Studies: From “Collective Memory” to the Historical Sociology of Mnemonic Practices. *Annual Review of Sociology*, v.24, p.105-140, 1998.

ORTIZ, Isabelle Cristine Silva. A família no campo de futebol feminino/ Isabelle Cristine Silva Ortiz. Cáceres, MT: [s.n.], 2014, 45f.

PISANI, Mariane. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra? *Esporte e Sociedade*, v. 9, n. 23, p.1-11, março 2014.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do "amor venéreo". *Projeto História*, São Paulo, n.25, p.181-194, dez/2002.

SALLES, José Geraldo; Silva, Maria Cecília; Costa, Marta. A mulher e o futebol: significados históricos. In: VOTRE, Sebastião (Coord.) A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF, 1996.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Cadernos de Sociomuseologia*. N. 19. Lisboa: Centros de Estudos de Sociomuseologia/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2002, p. 139-171. [Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370/279>]. Acesso em: 08/09/2011.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOARES, Carmen Lucia. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas: Autores Associados, 2011.

STOETZEL, Jean. *Psicologia Social*. São Paulo: Nacional, 1976.

TAVARES, Otávio.; PORTELA, Filipe. Jogos Femininos do Estado de São Paulo (1935): a primeira “olimpíada” feminina do Brasil. In: Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 6, 1998, Rio de Janeiro, Anais ... Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998, p.74.

WITTER, José Sebastião. *Breve história do futebol brasileiro*. Coleção Para Conhecer Melhor. São Paulo: FTD, 1996.

Entrevistas:

Entrevista Ester Campos. Cáceres, 01 de agosto de 2014. Entrevista concedida a Marisa Soares da Silva.

Entrevista Regina Menacho Cáceres, 08 de janeiro de 2015. Entrevista concedida a Marisa Soares da Silva.

Recebido em 29 de março de 2016

Aceito em 02 de julho de 2016